

RIF Entrevista

Hélio Leites: um artesão comprometido com a cultura popular *Artista faz reflexões sobre a vida a partir de peças feitas de material reciclado*

Elaine Javorski¹
Foto William Biagioli



Encontro de artistas e artesãos, a Feira do Largo da Ordem, em Curitiba, é um lugar multicultural. Barracas de venda de *pierogue*, empanadas chilenas e acarajé se misturam à venda de livros e objetos usados, bem como artesanato de toda natureza. Alguns artistas mostram suas músicas, outros fazem pequenas intervenções teatrais. Desde o início dos anos 1970, a Feira acontece todos os domingos, no coração histórico da capital do Paraná. É um importante canal de divulgação da arte popular. Entre os cerca de 1.300 feirantes está Hélio Leites. Não é tarefa fácil defini-lo. O poeta Paulo Leminski o chamava de “significador de insignificâncias”. Artesão, contador de histórias, artista plástico. Ele é um pouco de tudo. O que se pode afirmar é que está entre os mais importantes e emblemáticos representantes da cultura popular paranaense. Suas peças foram exibidas em países como Portugal, Espanha, Alemanha e México. Mas para que se possa conhecer verdadeiramente sua arte é preciso conhecê-lo pessoalmente. Cada uma de suas obras precisa de uma história contada por ele. E o lixo é o começo de todas elas. A partir de materiais recicláveis é

¹ Jornalista pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Especialista em Estudos do Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Comunicação e Indústrias Culturais pela Universidade Católica Portuguesa (UCP). Professora colaboradora do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa e professora-pesquisadora do curso de Jornalismo nas Faculdades Integradas do Brasil (UniBrasil). Integrante do Centro Folkcom de Pesquisa (CFP) da UEPG, e do Grupo de Estudos da Imagem, da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

que nasce sua arte. O preço das peças varia de R\$ 25 a R\$ 2.500, e muitas não são vendidas. Leites é formado em Economia e foi, durante 25 anos, bancário. Em 1984 criou o Museu Casa do Botão e de lá pra cá, leva sua arte para onde vai. Portátil e itinerante, o Museu cabe dentro de uma mala e já rodou o país. Nascido na Lapa, em 1951, José Hélio Silveira Leite (sem s no final), frequenta a Feira do Largo há mais de 25 anos e esta é sua principal vitrine. Lá ele filosofa e instiga os que passam a refletir sobre a vida. Segundo ele, a barraca da feira é a janela para conversar com a humanidade.

Da Feira do Largo da Ordem participam dezenas de artesãos que conseguem hoje sobreviver exclusivamente da venda de suas obras. Você acredita que isso significa que hoje temos uma maior valorização da cultura popular, e que a arte está mais acessível?

Hélio Leites: Essa Feira é a corrente sanguínea da cidade de Curitiba. Aqui, você pode ver produtos nos quais as pessoas trabalharam ontem à noite. Por exemplo, ontem à noite eu estava fazendo estas bandeirinhas aqui. Isso é o pão fresquinho que eu estou trazendo para as pessoas. Ele serve para mostrar às pessoas que é preciso disciplina. Essa arte está aqui para quem quiser observar, tocar. E isso acontece o tempo todo. Por exemplo, eu tenho aqui uma terapia para a mãe que tem problema com o filho. O poema [escrito na pequena obra de arte] diz assim: “para piá que não tem sossego o melhor remédio é fogo no rego”. Você conhece o provérbio? É uma ilustração do provérbio de Salomão que diz “mesmo fustigando seu filho com uma vara, nem por isso ele morrerá. Ele ganhará um presente que o castigo dará”. Isso faz com que as pessoas reflitam. Só que vem o governo e diz que não se pode bater nas crianças. Hoje em dia se você bater na criança ela disca para a Polícia. Isso é correto? Temos que pensar. De vez em quando você não houve barulhos estranhos? Sabe o que são esses barulhos? São os velhos paradigmas caindo. Sabe por que caem os velhos paradigmas? Para a gente levantar os novos. Só que quando você levanta um paradigma novo que não tem base ele cai outra vez. Como você vai tirar da família o poder de corrigir a criança? A arte pode fazer com que pensemos nisso.

O artesão, portanto, tem que se comprometer com seu público?

Hélio Leites: Todas as minhas peças vão com um fio de cabelo branco meu. É uma prática minha contra a pirataria. Você não pode pegar um trabalho meu e dizer que é teu. Posso pedir uma análise do cabelo para ver de quem é. Todos deveríamos fazer isso, ou seja, se comprometer com o público e com sua obra. Você está diante de um artesão que está comprometido com seu trabalho até a raiz do cabelo. Em todos eles eu faço questão de deixar isso, é a última coisa que eu faço na peça. Por exemplo, esse artesanato é para a pessoa parar de fumar. Quando a pessoa fuma o pulmão dela é

dessa cor [mostra a cor cinza no casco de um barco], mas quando ela para de fumar fica tudo azul [abre o barco onde está a cor azul] e ela pode brincar de Titanic sem afundar. O velho Newton cansou de avisar, dois corpos não podem o mesmo espaço ocupar. Se um deles 'iceberg', sinto muito, o outro vai 'titanicar', e se um deles é o cigarro, sinto muito seu pulmão vai 'titanicar'. Titanic-nic-nic sempre alegre afundando todos os fumantes. Isso é a manifestação da arte popular tentando fazer uma pessoa parar de fumar.

Toda peça que você faz vem carregada de história. Como ela pode mudar a vida de alguém?

Hélio Leites: Cultura popular faz bem à saúde. Isso, por exemplo, é uma injeção de ânimo [mostra uma seringa com um santo dentro, chamado por ele de 'Santo Remédio']. A pessoa olha essa arte, dá um sorriso e esquece da doença. Sabe qual o segredo da doença? Esquecer dela. Se você ficar cutucando a sua 'quase' dor nas costas todos os dias e tomando aquele remedinho, a dor não vai embora nunca. Essa peça é para pessoa pessimista [mostra uma galinha pequena chocando um ovo enorme]. Como pode uma galinha pequena como essa chocar um ovo tão grande? "Nunca!", diria uma galinha pessimista. Mas a minha já foi batizada: é a galinha otimista. Todo esforço tem seu prêmio que a vida recompensa, pouco importa o tamanho do ovo que se apresenta. Sabe por que às vezes os projetos que temos não dão certo? Porque não aceitamos. Você acha que Deus poderia dar um ovo maior do que a galinha pudesse chocar? Você acha que Deus daria uma ideia que você não conseguisse realizar? Sem chance! Se veio para você é porque é para você. Se contamos para todo mundo a ideia que temos, ela se esfarela, perde a força. Temos que aceitar a ideia e só mostrar para os outros quando ela estiver pronta. Não conte suas ideias para ninguém e dê valor ao seu talento. Essa caixinha custa 60 reais. O meu talento custa 60 reais. Com ela eu dou uma lição de otimismo para a pessoa que não acredita nela mesma. Sabe qual outro grande problema no mundo hoje? É a doença que mais mata: a raiva. Como que se trabalha a raiva? Dentro da pessoa. Quando você está com raiva você não precisa brigar. Escreve o nome à lápis aqui [numa peça que vem com uma pequena lousa e um lápis] e antes de dormir você bate nela até dar sono. Quando o sono vier é sinal de que a raiva foi embora. No outro dia você acorda aliviado. Não queira ser bravo quando basta ser inteligente. Com essa caixinha eu consigo resolver o problema da raiva no mundo.

Você utiliza muitos elementos folclóricos. E o que há de atualidade na sua arte?

Hélio Leites: Eu trabalho o inconsciente coletivo. Eu uso temas antigos como o Adão e Eva e misturo com temas atuais como a grávida de quadrigêmeos de Taubaté. Eu digo: "a Eva tentou Adão no

racho da melancia, até hoje a humanidade se lambuza na fatia". O Adão e Eva mostraram o caminho e a humanidade foi atrás. Nós somos todos testemunhas oculares da história.

Poderíamos dizer que você é um artista de muitas facetas: poeta, artista plástico, artesão, contador de histórias. Como você se define?

Hélio Leites: O Ferreira Gullar disse que meu trabalho não era artesanato, nem teatro, nem artes plásticas. Era uma "coisa". Nem eu sei direito. Eu acho que é teatro em miniatura. Quando os bonecos mexem adquirem vida. Por exemplo, eu tenho esse objeto que é o ratinho que faz uma parábola com o incentivo à leitura. Você tem que ver o que uma criança gosta para fazer com que ela se apaixone pelo livro. Tem uma escadinha para chegar à sabedoria [mostra a peça] e ela começa na criança. Depois a escadinha vira um sonho, até chegar no livro. A sabedoria está lá.

A arte pode interferir no sonho?

Hélio Leites: Eu acho que sim, totalmente. Acho que temos que ter uma visão ampliada das coisas. Por exemplo, na frente da minha barraca, no Largo da Ordem, existe um restaurante chamado *Gepetto*. Eu sempre olho aquela placa e lembro que fui o Pinóquio quando criança. Agora Deus me põe frente a frente com esse meu passado para me mostrar que a gente não foge da sina. Se você nasceu para ser Pinóquio você terá que ser Pinóquio.

A essência das suas obras não se perde quando não há uma apresentação pessoal sua?

Hélio Leites: Uma performance é preciso. O Leminski dizia que eu era um significador de insignificâncias. Minha mãe achou horrível e disse que ele estava me detonando. E eu disse: "é mãe, hoje em dia as pessoas detonam você para depois te valorizar". Então, por exemplo, essa é a Santa Helena Kodoly [a peça mais famosa de Hélio] que eu fiz durante dois meses com palitos de fósforo apagados. Quando a pessoa tem luz própria ela acende até palito de fósforo apagado. A padroeira dela é a 'Nossa Senhora de Todas as Cores' e ela diz: "pra quem viaja de encontro ao sol é sempre madrugada. Deus dá a todos uma estrela. Uns fazem dela o sol, outros nem conseguem vê-la". Um dia disseram assim: onde está a estrela daquele cara que fuma craque? Ele botou dentro do cachimbo e fumou. Isso prova que não existe uma pessoa - que é uma máquina perfeita - sem nenhum talento. Todos nós temos talento, mas é preciso descobri-lo. Meu talento é transformar uma latinha que não era nada em uma história e vender para as pessoas. Quando eu consigo vender, meu peixe está vendido junto. O meu pensamento foi junto. Várias pessoas podem pegar uma latinha de creme *Nivea*, mas poucas podem encontrar nela a 'Nossa Senhora da Boa Pele'. Você

dá um presente desse e cria uma ponte entre duas pessoas.

Você utiliza materiais recicláveis para produzir suas peças. Como surgiu a ideia de trabalhar com essa matéria-prima?

Hélio Leites: Eu uso o lixo da minha mãe, que é lixo sagrado. Eu uso aquilo que é desprezado pelos homens, trabalho com aquilo que não tem mais valor para os outros. Mas eu dou valor ao lixo. Uso latas, palitos de sorvete, rolhas e outros materiais. Eu costumo dizer que não transformo o lixo, eu o 'transtorno'. Isso é arte e é por meio dela que eu faço as pessoas refletirem. As crianças, por exemplo, podem aprender conceitos de literatura, ecologia e podem discutir valores importantes e sentimentos através dessa arte. O que se faz com palito de sorvete? Eu pego um palito e sonho em cima dele: lasco, desmancho, monto ele outra vez, faço um novo desenho, pinto e faço um sinalizador de TPM. Quando você está com TPM tem uma arara feita de palito que sinaliza. Vendo isso por R\$ 6,00. Pego esse dinheiro vou na padaria e compro um quilo de pão. Peguei um palito e não fiz um passarinho. Fiz um quilo de pão. No Brasil tem 16 milhões de pessoas passando fome e pisando em cima de palitos de sorvete. Elas não sabem o que fazer com o lixo. Isso está se transformando num problema enorme. Eu faço um milagre da reciclagem: transformo palito em pão. Eu sirvo de intermediário na arte. Como eu moro no Pilarzinho [bairro de Curitiba], fiz um oratório para São Francisco do Pilarzinho em uma lata de sardinha. O santo fica na casca de pinhão. A espiritualidade não está dentro das igrejas, das religiões, dos livros, muito menos dentro das latinhas. A espiritualidade está em nós. A espiritualidade não é o fim. É o caminho.

Você acha que a sua arte pode ser compreendida por qualquer pessoa?

Hélio Leites: Por isso que existe a palavra. Se eu somente expusesse não teria o mesmo efeito. Minha explicação deixa tudo mais rico e estabelece uma ponte de entendimento, uma tradução da história. Eu tenho uma obra que é um rolo de macarrão. Poderia ser um rolo qualquer. Mas nesse existe algo diferente. Fiz uma ilustração do 11º mandamento: "suportai-vos uns aos outros". Através dessa peça eu dou um conselho para a mulher: "se você já perdoou os pecados do seu guerreiro no jantar de ontem à noite, não requeira os pecados dele no café da manhã". Para o marido eu escrevi: "marido amoroso, almoço saboroso". Isso significa que é preciso levar a relação com carinho. O meu trabalho entra na vida da pessoa e harmoniza a relação. **RIF**